CCDR LVT

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

outubro | 2026

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.

Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste**, o mês decorreu quente, com registo de temperaturas máximas bastante elevadas para a época na maior parte dos dias. Nos períodos mais quentes do mês, ocorridos na primeira e no início da terceira semana, as temperaturas elevaram-se acima de 30ºC. O comportamento das temperaturas máximas diárias foi oscilante, com variações entre 31,9ºC e 20,0ºC na estação de Torres Vedras/Dois Portos, 30,9ºC e 19,9ºC na estação de Alcobaça e 25,8ºC e 16,5ºC na estação de Santa Cruz (Aeródromo). Os valores médios das temperaturas máximas foram elevados face às normais climatológicas de referência (+2,9ºC na estação de Torres Vedras/Dois Portos e +2,0ºC na estação de Alcobaça). As temperaturas mínimas decorreram igualmente oscilantes, mas com uma tendência acentuada de descida na segunda metade do mês. Até ao dia 17, os valores foram bastante elevados para a época. A partir dessa data, e de forma sistemática, foram inferiores ou bastante inferiores aos normais para a época, com algumas noites já bastante frias. As noites mais quentes registaram temperaturas mínimas um pouco superiores a 15ºC nas três estações meteorológicas e as noites mais frias desceram abaixo de 5ºC na estação de Torres Vedras/Dois Portos, de 3ºC na estação de Alcobaça e de 4ºC na estação de Santa Cruz (Aeródromo). Os valores médios das temperaturas mínimas foram ligeiramente inferiores aos normais para a época (cerca de -0,8ºC na estação de Torres Vedras/Dois Portos e -0,9ºC na estação de Alcobaça). Na segunda metade do mês houve contabilização de horas de frio inferiores a 7,2ºC, necessárias para as culturas permanentes.

As amplitudes térmicas diárias (diferença entre as temperaturas máxima e mínima observadas no mesmo dia) foram mais acentuadas na segunda quinzena, mas com valores menos expressivos do que no mês anterior. As amplitudes térmicas mais elevadas de 22,4ºC, 22,0ºC e 17,2ºC, registaram-se respetivamente nas estações de Alcobaça no dia 30, de Torres Vedras/Dois Portos no dia 31 e de Santa Cruz (Aeródromo) no dia 19.

Os dias decorreram com maior nebulosidade na primeira semana e com céu geralmente pouco nublado ou limpo nas semanas seguintes, mas com períodos de céu nublado por nuvens altas. Junto ao litoral, ocorreram com frequência períodos de maior nebulosidade ao início da manhã e ao final da tarde, que apresentaram maior persistência em alguns dias. Houve formação de neblina ou nevoeiro matinal no litoral, muito concentrada entre os dias 10 e 17 e a partir do dia 25.

O vento foi predominantemente fraco a moderado, apresentando por vezes forte intensidade junto à faixa costeira, principalmente na primeira metade do mês. A orientação do vento foi predominantemente dos quadrantes noroeste e norte, bem como de leste em alguns dias.

O tempo foi seco, tendo havido alguma precipitação na primeira e na terceira semana do mês, em forma de aguaceiros, por vezes fracos e pouco frequentes, e de períodos de chuva fraca ou chuviscos. Os valores acumulados foram muito reduzidos e bastante inferiores aos normais para a época.

Apesar do tempo ter sido marcadamente seco e quente, os episódios de escassa precipitação e as noites mais húmidas e frescas, permitiram uma ligeira recuperação do teor de água nos solos, observada um pouco por toda a região, que no final do mês se assemelhava a um mosaico policromático devido à diversidade de situações existentes no território. A maior parte da região encontrava-se com os solos nos índices CC [21, 40] e CC [11, 20]. No entanto, observavam-se duas manchas correspondentes ao ponto de emurchecimento permanente (PEP), uma ocupava uma parte mais interior

do concelho de Alcobaça e uma pequena área do concelho de Caldas da Rainha, a outra abrangia o concelho do Bombarral quase todo, uma parte considerável do concelho do Cadaval e uma área menor na zona mais interior do concelho da Lourinhã. Observaram-se ainda três manchas correspondentes ao índice CC [41, 60]. Uma ocupava uma parte do concelho de Alcobaça junto ao litoral e uma pequena área do concelho da Nazaré, outra ocupava uma área no concelho do Cadaval e uma área menor no concelho de Caldas da Rainha, e uma outra, mais a sul, correspondente a uma área situada na parte sudoeste do concelho de Torres Vedras.

A disponibilidade de água para as atividades agrícolas e pecuárias diminuiu de forma expressiva em setembro e outubro, embora não fosse de escassez, muito provavelmente devido ao inverno chuvoso que permitiu níveis de armazenamento bastante elevados. No final do mês, as reservas superficiais tinham diminuído e a quantidade disponibilizada pelas captações subterrâneas também era menor. Em muitas situações impôs-se a adoção de planos de rega mais restritivos, num contexto de necessidade de continuar a regar as culturas instaladas a um nível acima do habitual para esta fase do ano devido à ausência de precipitação.

As condições do tempo permitiram a realização das colheitas com normalidade, a preparação de terras para as sementeiras de forragens e de cereais praganosos de outono-inverno e a realização das atividades de pós-colheita nos pomares e nas vinhas para preparação das culturas para o próximo ciclo produtivo. Devido ao tempo seco e quente, a necessidade de rega das culturas instaladas aumentou, o renovo das pastagens ainda não se tinha verificado, as sementeiras de forragens encontravam-se bastante paradas, a aguardar pela chuva prevista para novembro.

Durante o mês, as vinhas de uva para vinho evoluíram no sentido da senescência e repouso vegetativo. No entanto, as temperaturas altas mantiveram por mais tempo as folhas nas varas e deram origem a rebentações anormais para a época.

Nas vinhas de uva de mesa, com produção ainda em colheita, as temperaturas elevadas e a humidade favoreceram o desenvolvimento de problemas fitossanitários.

Nos pomares de pera e maçã, a ausência de precipitação foi prejudicial para o processo de acumulação de fotoassimilados nas estruturas de reservas das plantas (raízes e troncos), que decorre depois da colheita até à entrada em dormência e que é fundamental para a sobrevivência durante o repouso vegetativo, sendo a principal fonte de energia para o abrolhamento. A rega debitada localmente, que continuou após as colheitas, não estava a ser suficiente para as necessidades dos sistemas radiculares nesta fase de acumulação de reservas, o que poderá prejudicar o abrolhamento e a floração na próxima primavera. Nos pomares de pereiras, com as árvores ainda a apresentarem alguma folhagem, realizaram-se tratamentos para promover a queda da folha, a fim de se antecipar um pouco a contagem das horas de frio, uma vez que as temperaturas se apresentaram com valores acima da média.

Nos pomares de limão a falta de precipitação atrasou o desenvolvimento dos frutos. A rega, mesmo sendo diária, não foi suficiente para compensar a falta de chuva.

No olival, as temperaturas diurnas elevadas e as noites mais frescas e húmidas promoveram a maturação fisiológica das azeitonas na maioria das variedades. As noites húmidas e alguma precipitação pontual favoreceram o desenvolvimento de novas rebentações outonais nos olivais de sequeiro que já tinham ultrapassado o *stress* da colheita.

No arroz, as frequentes orvalheiras e algumas neblinas matinais limitaram o ritmo da colheita por não terem permitido em boa parte dos dias, que a ceifa fosse executada nas primeiras horas da manhã. Houve necessidade de deixar secar as plantas para evitar

problemas de entupimento de sem-fins, crivos e elevadores nas ceifeiras debulhadoras que obrigam a paragens frequentes para limpeza, aumentando o risco de avarias mecânicas. As restantes condições climatéricas do mês foram favoráveis para a cultura.

Relativamente às principais culturas hortícolas de ar livre, as condições do tempo foram muito boas para o desenvolvimento das couves, que cresceram muito rapidamente, antecipando colheitas. Com exceção da persistência de piolhos em algumas plantações, a produção apresentou muito boa qualidade. Durante o mês houve muitas colheitas e uma oferta elevada de todas as espécies, o que resultou numa descida acentuada dos preços, chegando a metade do valor do mês anterior em algumas espécies.

Nas cenouras, as condições do tempo ao longo do mês, designadamente os níveis de humidade relativa mais baixos, as temperaturas amenas e por vezes altas, e algumas noites mais frias, foram muito positivas para o desenvolvimento da cultura, tendo permitido antecipar o início das colheitas em campos novos. A quantidade de cenoura disponível no mercado aumentou ao longo do mês e na fase final havia bastante oferta, perspetivando-se que vá aumentar no próximo mês. A qualidade melhorou. A colheita dos campos mais velhos, com produção de menor qualidade, estava a terminar, tendo sido iniciadas colheitas nos campos instalados em julho, com muito boa qualidade. Em outubro houve uma ligeira valorização comercial das cenouras e no final do mês o preço era estável.

As abóboras encontravam-se colhidas. Durante o mês houve pouca procura e os preços foram baixos.

Nas culturas hortícolas em estufa, os dias mantiveram-se com bastante luminosidade e com boas condições térmicas. No entanto, com os arrefecimentos noturnos, as manhãs mais húmidas e os dias mais curtos, o desenvolvimento vegetativo das culturas decorreu mais lento. As novas plantações de pepino e courgette apresentavam-se com as plantas em desenvolvimento. As colheitas da segunda campanha de tomate continuaram a decorrer. Registou-se uma valorização dos preços de mercado face ao mês anterior.

No **Médio Tejo**, as condições climatéricas globais caracterizaram-se por tempo seco e precipitação escassa, intercalados com períodos de temperaturas máximas acima da média para a época. Durante a primeira quinzena em especial entre os dias 12 a 16, a região destacou-se com valores térmicos muito acima da média. Ao longo do mês, com a progressão para a segunda quinzena, verificou-se uma normalização e descida gradual das temperaturas, com as máximas a estabilizarem para valores mais típicos do outono. O valor médio da temperatura máxima foi superior ao normal para a época (+3,9ºC) e o valor médio da temperatura mínima foi ligeiramente inferior ao respetivo valor normal para a época (-1,2ºC), de acordo com os registos disponíveis da estação meteorológica de Alvega. As amplitudes térmicas foram menos acentuadas do que no mês anterior, sendo o valor mais elevado, de 25,0ºC registados nos dias 10 e 14, na estação meteorológica de Alvega.

No início do mês, os dias decorreram com períodos de muita nebulosidade e temporariamente com períodos de mais nebulosidade por nuvens altas. A partir da segunda semana, os dias apresentaram-se predominantemente com céu pouco nublado ou limpo. Ocorreram ainda na segunda metade do mês, alguns dias com formação de neblina ou nevoeiro matinal.

Ao longo do mês, predominou vento de intensidade fraca a moderada, tendo-se registado apenas alguns dias com vento fraco.

A precipitação acumulada no mês apresentou-se pouco significativa e com valor muito inferior ao normal para a época, ocorrendo sobretudo nos últimos dias do mês na forma de períodos de chuva ou aguaceiros.

O teor de água no solo evoluiu de forma heterogénea na região, constatando-se nos concelhos situados a poente uma subida e nos concelhos situados mais a nascente

uma descida. Assim, os concelhos de Abrantes, Mação e Sardoal, situavam-se no final do mês maioritariamente no índice CC [11, 20]. Os concelhos de Ourém, Alcanena, Torres Novas, Tomar, Ferreira do Zêzere, Vila Nova da Barquinha e Constância situavam-se maioritariamente no índice CC [21, 40]. Verificava-se uma pequena mancha situada no índice CC [41, 60], localizada nos concelhos de Torres Novas e Vila Nova da Barquinha. O concelho de Mação situava-se na totalidade no índice CC [41, 60].

Os níveis de armazenamento das reservas de água superficiais diminuíram e encontravam-se no fim do mês um pouco abaixo do normal para a época enquanto as subterrâneas, se verificaram ainda próximas dos níveis de referência. Não se registaram limitações na disponibilidade hídrica para as culturas nem para o abeberamento das espécies pecuárias.

No que respeita à influência do estado do tempo nas culturas, de um modo geral, o tempo quente e seco acelerou a maturação e antecipou a colheita das culturas arvenses que se encontravam na fase final dos seus ciclos culturais.

As pastagens permanentes de sequeiro voltaram a secar sob o efeito do calor e da ausência de precipitação ao longo do mês, evidenciando reduzida capacidade de regeneração.

Nas vinhas de uva de mesa, em especial nas castas mais tardias, verificou-se no final do mês uma elevada desidratação das uvas, com consequente prejuízo no rendimento da cultura.

Nas nogueiras, as condições meteorológicas não tiveram impacto significativo na cultura, apenas de salientar alguma perda de coloração super clara (*"extra light"*), na casca e no miolo, causada pela onda de calor do mês anterior.

Nas amendoeiras, as condições climatéricas foram favoráveis à cultura e permitiram a colheita e conclusão da campanha sem problemas.

Nos olivais tradicionais de sequeiro, as temperaturas diárias elevadas e noites ligeiramente frescas promoveram a maturação fisiológica das azeitonas na maioria das variedades e de forma heterogénea em toda a região. Registaram-se temperaturas um pouco elevadas para a época, sem um impacto significativo nos olivais intensivos de regadio. O tempo seco foi favorável à colheita.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, o tempo foi quente e seco. As temperaturas máximas em geral mantiveram-se elevadas ou muito elevadas para a época durante a primeira quinzena, com alguma variabilidade. Na segunda metade do mês apresentaram-se mais próximas dos valores de referência e com maior estabilidade. Os valores médios das temperaturas máximas mantiveram-se elevados relativamente aos normais para a época (+3,2ºC), de acordo com os registos das estações meteorológicas de Santarém e de Coruche. As temperaturas mínimas apresentaram uma tendência de descida ao longo do mês. Na primeira quinzena os valores foram elevados na maior parte dos dias. Na segunda quinzena registaram-se descidas acentuadas e algumas noites já bastante frias, com valores abaixo dos normais para a época, mais acentuados na estação de Coruche. Na estação de Santarém, o valor médio da temperatura mínima foi semelhante ao normal para a época e na estação de Coruche foi inferior (-1,4ºC). Continuou a verificar-se variabilidade nas amplitudes térmicas, que foram mais acentuadas no dia 27 na estação de Santarém (25,0ºC) e no dia 31 na estação de Coruche (25,5ºC).

Na primeira semana o céu apresentou períodos de muita nebulosidade e temporariamente com períodos de mais nebulosidade por nuvens altas. Nos restantes dias, o céu apresentou-se maioritariamente pouco nublado ou limpo. Verificaram-se alguns dias com formação de neblina ou nevoeiro matinal, mais concentrados na segunda quinzena.

O vento foi predominantemente fraco a moderado e com alguns dias de vento fraco.

A precipitação foi escassa e concentrada na primeira semana, ocorrendo principalmente sob a forma de aguaceiros.

Apesar do mês ter sido quente e seco, as noites mais frescas e húmidas e alguma precipitação contribuíram para o aumento do teor de água no solo, principalmente nos concelhos da Lezíria do Tejo. Nos concelhos da Lezíria, designadamente em Santarém, Golegã, Chamusca, Almeirim e Cartaxo, predominava o índice CC [21, 40], com manchas no índice CC [11, 20] em Santarém e no Cartaxo, no índice CC [41, 60] na Chamusca e na Golegã e no índice CC [1, 10] em Almeirim. Em Alpiarça predominava o índice CC [41, 60]. Em Rio Maior verificava-se uma distribuição entre os índices CC [11, 20] e CC [41, 60]. Na Azambuja predominavam os índices CC [1, 10] e CC [11, 20], com pequenas manchas nos índices CC [41, 60] e CC [21, 40]. Nos concelhos do Baixo Sorraia (Coruche, Benavente e Salvaterra de Magos), o teor de água no solo situava-se maioritariamente no índice CC [21, 40], observando-se ainda uma mancha no índice CC [11, 20] que ocupava parte dos três concelhos. No concelho de Benavente registava-se uma mancha de menor dimensão situada no índice CC [1, 10].

As reservas de água superficiais continuavam a manter níveis de armazenamento acima do normal para a época. As águas subterrâneas mantinham-se, na generalidade, em níveis superiores às médias mensais para esta fase do ano. No entanto, na margem esquerda do rio Tejo os níveis apresentavam-se significativamente inferiores aos valores médios em alguns pontos de captação. Apesar da diminuição dos recursos hídricos, verificou-se disponibilidade de água para o abeberamento de animais e para as necessidades das culturas instaladas.

Quanto à influência do tempo nas culturas, as temperaturas persistentemente elevadas e ausência de precipitação favoreceram o desenvolvimento final das culturas e, sobretudo, o andamento das colheitas, permitindo a realização dos trabalhos em condições favoráveis.

Nos citrinos, em particular nos pomares de laranja, as elevadas temperaturas de setembro e da primeira quinzena de outubro, provocaram alguns prejuízos, em especial nos solos mais arenosos, desfolhando bastante a copa superior das árvores, deitando muita laranja ao chão, ainda verde e com queimaduras bem visíveis.

Nos pomares de nogueiras, as temperaturas elevadas e os níveis mais baixos de humidade permitiram manter o bom estado fitossanitário até à colheita.

Nos olivais, o tempo seco, as temperaturas elevadas nalguns dias e as noites frescas, foram favoráveis ao desenvolvimento natural da cultura. Algumas variedades habitualmente mais tardias anteciparam a maturação. Nos olivais de sequeiro, contudo, verificou-se alguma dificuldade de desprendimento dos frutos na colheita, por apresentarem pouco peso em consequência da falta de humidade.

No milho de regadio, as temperaturas elevadas e a ausência de precipitação favoreceram a secagem natural do milho no campo e contribuíram para o normal desenvolvimento da colheita. Estas condições permitiram manter um ritmo de colheita favorável, contudo mais intensa, causando por vezes a concentração de grandes quantidades de milho nas unidades de receção, o que provocou alguns constrangimentos logísticos no abastecimento e na gestão dos fluxos de entrada.

Na cultura do arroz, as condições meteorológicas, designadamente tempo quente e seco, favoreceram a continuidade e a conclusão progressiva das colheitas. Em geral, a ausência de precipitação permitiu a circulação das máquinas e a realização dos trabalhos no campo, apesar de terem ocorrido episódios localizados de precipitação que comprometeram em alguns casos a produtividade por desgrana de arroz.

No tomate para indústria, as condições meteorológicas foram em geral favoráveis à finalização das colheitas.

Verificou-se, no entanto, pontualmente um episódio localizado de trovoada no dia 3, acompanhado de precipitação intensa, que causou perda de produção e levou à participação de um sinistro.

Na **Grande Lisboa**, o mês caracterizou-se por quente e extremamente seco.

A temperatura máxima média mensal foi superior em 2,5ºC à temperatura máxima normal para a época. A temperatura mínima média mensal correspondeu a um desvio positivo de 0,7ºC relativamente à temperatura mínima normal. A temperatura média mensal situou-se 1,6ºC acima da temperatura média normal de referência. Estes valores evidenciam um comportamento térmico globalmente superior ao normal, com uma anomalia mais expressiva nas temperaturas máximas do que nas mínimas. Durante a primeira metade do mês, observaram-se valores de temperatura máxima particularmente elevados. A partir do dia 17, verificou-se uma tendência de descida das temperaturas máximas, tendo sido atingido o valor máximo mais baixo no dia 20, com 21,3ºC. Relativamente às temperaturas mínimas, o valor mais elevado foi registado no início do mês, evidenciando a ocorrência de noites particularmente amenas durante a primeira semana. A conjugação de temperaturas máximas elevadas e temperaturas mínimas relativamente amenas durante a primeira quinzena poderá ter contribuído para uma maior evapotranspiração, aumentando as necessidades hídricas. Na segunda metade do mês, a descida das temperaturas máximas e mínimas traduziu-se numa aproximação progressiva às condições térmicas típicas do outono.

Relativamente à nebulosidade, do ponto de vista agrometeorológico, a ocorrência de neblina observada localmente contribuiu para o aumento temporário da humidade relativa junto à superfície, sobretudo durante os períodos noturnos e nas primeiras horas da manhã.

A rajadas máximas de vento apresentaram uma variação significativa, com valores geralmente compreendidos entre 21 e 47km/h. Na segunda metade do mês, observou-se uma tendência geral de diminuição da intensidade das rajadas. Em termos agrícolas, a ocorrência de rajadas de vento moderadas a fortes poderá ter contribuído para o aumento das perdas de água por evapotranspiração, particularmente quando associada às temperaturas elevadas e à reduzida humidade do solo.

O mês caracterizou-se por uma precipitação extremamente reduzida. A precipitação acumulada mensal registada correspondeu a aproximadamente 0,09% do valor normal para a época, evidenciando um défice pluviométrico muito acentuado e insuficiente para produzir uma reposição significativa da água disponível no solo. Este comportamento pluviométrico poderá ter condicionado o início da campanha agrícola de outono-inverno, tornando necessária a ocorrência de precipitação mais significativa e regular para assegurar condições adequadas de humidade do solo.

A humidade relativa do ar apresentou uma acentuada variabilidade ao longo do mês, acompanhando a evolução das condições térmicas, do regime de vento e da nebulosidade. Os valores mínimos mais reduzidos coincidiram, em geral, com os períodos de temperaturas mais elevadas, enquanto os valores máximos, observados no início do mês, evidenciaram a ocorrência de condições de elevada humidade atmosférica, pontualmente suscetíveis de favorecer a formação de orvalho e neblina.

No final do mês, e considerando a precipitação mensal praticamente nula e a ocorrência de temperaturas superiores aos valores normais, as condições de humidade do solo não foram favoráveis, sobretudo nas áreas de sequeiro e nos solos de menor capacidade de retenção de água. A maior parte da região estava no índice CC [1, 10], com algumas particularidades nos seguintes concelhos: Mafra estava no final do mês maioritariamente no índice CC [1, 10], com uma mancha

a noroeste no índice CC [41, 60] e a sudoeste no índice CC [11, 20]; Vila Franca de Xira maioritariamente no índice CC [1, 10], com uma mancha a noroeste no índice CC [11, 20] e a sudoeste no índice CC [21, 40]; Sintra maioritariamente no índice CC [1, 10], com uma mancha a sudoeste no ponto de emurchecimento permanente (PEP); Loures maioritariamente no índice CC [1, 10], com uma mancha a nordeste no índice CC [11, 20] e a este no índice CC [21, 40]; Amadora maioritariamente no índice CC [11, 20], com uma mancha a oeste no índice CC [1, 10]; Lisboa maioritariamente no índice CC [11, 20], com uma mancha a sul no índice CC [21, 40]; Cascais maioritariamente no índice CC [1, 10], com uma mancha a oeste no ponto de emurchecimento permanente (PEP).

A reduzida precipitação registada ao longo do mês, associada à persistência de temperaturas superiores aos valores normais para a época, terá condicionado a recuperação das reservas hídricas superficiais e a recarga dos recursos hídricos subterrâneos. Neste contexto, tornou-se particularmente importante assegurar a monitorização regular dos níveis e da qualidade da água destinada ao abeberamento dos efetivos pecuários em regime extensivo, de modo a garantir a disponibilidade de água em quantidade e qualidade adequadas às necessidades dos animais.

Quanto à influência do estado do tempo nas culturas, as condições meteorológicas observadas poderão ter condicionado a germinação nos campos semeados. Nos prados e pastagens, a escassez de precipitação terá dificultado a recuperação do coberto vegetal após o período estival, tendo condicionado a produção de biomassa e a disponibilidade de alimento para o efetivo pecuário. No que respeita às operações agrícolas, a ausência de precipitação terá favorecido a circulação de máquinas e equipamentos nos terrenos, reduzindo o risco de encharcamento e de compactação associado à humidade excessiva. Contudo, a reduzida humidade do solo poderá ter dificultado nalguns casos a preparação da cama de sementeira e a obtenção de condições adequadas para a germinação. A evolução da campanha agrícola dependerá, em larga medida, da ocorrência de precipitação significativa e regularmente distribuída nos meses seguintes, de forma a promover a reposição da água no solo e a assegurar condições adequadas ao desenvolvimento das culturas.

Nos pomares de macieiras de variedade tardia, como a Fuji, a ausência de precipitação significativa e as altas temperaturas diurnas durante o mês, provocaram uma coloração heterogénea dos frutos e aumento da matéria seca dos mesmos, o que resultou em frutos de baixo calibre, pouca coloração e elevado grau *Brix*.

Nos limoeiros, as temperaturas elevadas registadas favoreceram o desenvolvimento da traça do limoeiro.

No olival da região, de sequeiro, a ocorrência de temperaturas diurnas elevadas e noites ligeiramente frescas, favoreceram a evolução da maturação fisiológica da azeitona, embora de forma heterogénea, quer entre variedades, quer entre as diferentes zonas. A ausência de precipitação significativa durante o período de colheita, associada às temperaturas diurnas elevadas, não permitiu a reposição das reservas hídricas das árvores, contribuindo para a manutenção de uma situação de aparente dormência estival. Estas condições refletiram-se numa maturação irregular dos frutos e num aumento do respetivo teor de matéria seca, com consequências ao nível do processo de extração do azeite.

No milho grão de regadio, as condições meteorológicas quentes e secas foram favoráveis ao desenvolvimento e à maturação das searas, contribuindo para a obtenção de grão com baixo teor de humidade à colheita. Estas condições permitiram, igualmente, reduzir a necessidade de operações de secagem artificial do grão após a colheita.

No arroz, as condições meteorológicas verificadas durante a fase final do ciclo da cultura, em particular a precipitação ocorrida no mês de agosto, seguida de um período de temperaturas extremamente elevadas, terão condicionado negativamente o processo de enchimento e maturação dos grãos de arroz. Esta sucessão de

condições meteorológicas terá contribuído para o aparecimento de fissuras internas nos grãos, com consequências ao nível do rendimento industrial da produção, nomeadamente pelo aumento da percentagem de grãos partidos (trinca).

Na **Península de Setúbal**, o mês decorreu muito quente. As temperaturas máximas registaram oscilações ao longo do mês, com valores acima do normal para a época, à exceção da terceira semana. Ocorreram vários dias com temperaturas muito elevadas. As temperaturas mínimas também registaram oscilações, bastante significativas ao longo do mês, com valores superiores ao normal para a época até meados do mês. As maiores amplitudes térmicas ocorreram no final do mês e foram de 24,6ºC na estação de Pegões e 18,3ºC na estação de Setúbal, respetivamente nos dias 27 e 31. As menores amplitudes térmicas observaram-se no início do mês, sendo o menor valor no dia 6, com 10,1ºC na estação de Setúbal e 11,9ºC no dia 3 na estação de Pegões.

O mês caracterizou-se pelo predomínio de céu muito nublado, por vezes por nuvens altas e frequentemente durante a manhã, alternando com períodos de pouca nebulosidade. No final do mês ocorreu a formação de nevoeiro matinal.

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 25 a 30km/h), ocasionalmente forte (até 40km/h).

O mês decorreu muito seco. À semelhança do que já se havia verificado no mês anterior, a precipitação foi praticamente inexistente na região, registando-se apenas valores residuais, sem expressão.

A humidade relativa diária foi em geral superior à registada no mês anterior.

Nos registos do teor de água no solo, não se verificaram diferenças significativas relativamente ao mês anterior. No final de outubro a maior parte dos solos encontravam-se no índice CC [21, 40]. No índice CC [11, 20], estavam as zonas sudeste do concelho de Palmela, zonas nordeste e sudoeste do concelho de Setúbal, o concelho de Sesimbra, com exceção da zona nordeste, a zona sudoeste do concelho do Seixal, a zona sul do concelho de Almada e os concelhos da Moita e do Montijo (parte ocidental). Comparativamente a igual período do ano anterior, a situação era então bastante mais favorável, face à precipitação significativa que ocorreu no final do mês.

Relativamente aos recursos hídricos, apesar de redução nos níveis de água, as barragens da região mantinham níveis satisfatórios para a época. Os cursos de água e os aquíferos apresentavam alguma reserva. Não se registaram situações de escassez de água para rega ou abeberamento animal.

No que diz respeito à influência do estado do tempo na agricultura, de salientar a continuação do tempo seco e das temperaturas muito elevadas para a época, condições que permitiram a continuação da realização das colheitas nas diversas culturas a bom ritmo e sem constrangimentos, bem como a preparação dos solos para a instalação das culturas de outono-inverno e de algumas sementeiras. No entanto, estas condições, atípicas para a época, tiveram impacto no desenvolvimento das culturas instaladas, bem como na qualidade e quantidade das produções obtidas.

No que se refere às vinhas de uva para vinho, com a continuação do tempo quente e seco, as plantas continuaram a produzir reservas. Nalguns casos verificaram-se novos abrolhamentos, principalmente em parcelas em que tinham sido efetuadas podas precoces. No entanto, a maior parte das vinhas já se encontrava com a folhagem muito seca, denotando a entrada das plantas em repouso vegetativo. Em algumas destas parcelas, as podas já tinham sido iniciadas, devendo o seu ritmo ser intensificado a partir de novembro com o decréscimo expectável da temperatura.

No que respeita às tangerineiras, as condições foram favoráveis ao desenvolvimento dos frutos e à evolução gradual da maturação.

Nas culturas permanentes ainda em produção, as temperaturas elevadas e a ausência de precipitação acentuaram o défice hídrico dos solos, tornando necessária a realização de regas mais frequentes, situação que tem provocado um aumento dos custos de produção, ao nível do consumo de energia associado à rega.

Na cultura de milho de regadio, à semelhança do ocorrido em setembro, a continuação das temperaturas elevadas e a ausência de precipitação neste mês, favoreceram a rápida perda de humidade dos grãos e aceleraram a sua maturação e secagem natural, pelo que a colheita ocorreu com teores de humidade relativamente baixos, o que permitiu reduzir as necessidades de secagem e os respetivos custos energéticos.

Na cultura do arroz, as temperaturas elevadas e o tempo seco permitiram a colheita sem interrupções e a bom ritmo.

Na cultura da batata estival, instalada entre meados de agosto e meados de setembro, as condições climatéricas foram favoráveis ao bom desenvolvimento vegetativo e encontrava-se em fase de tuberização. A colheita está prevista para o período entre dezembro e fevereiro.

De salientar a preocupação por parte dos agricultores relativamente às perspetivas climatológicas para o ano agrícola, sobretudo quanto à possibilidade de ocorrência de episódios de precipitação intensa e fenómenos meteorológicos extremos, à semelhança do que aconteceu com as tempestades registadas no início de 2026, situação que está a condicionar a realização das novas sementeiras de outono-inverno.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos das estações monitorizadas.

Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Nas vinhas de uva de mesa, as condições fitossanitárias de elevada incidência de oídio e de forte presença de mosca do Mediterrâneo, verificadas em setembro devido às temperaturas e à humidade, permaneceram com elevada expressão em outubro, até ao final das colheitas, causando danos significativos em algumas vinhas. Houve necessidade de intensificar tratamentos para proteção da cultura, acentuando os custos de produção, porque os produtos que se aplicam na fase de colheita não deixam resíduos, mas os preços são mais elevados.

Nos pomares de pereiras, decorreram podas sanitárias para contenção do fogo bacteriano.

Nos pomares de maçã, à semelhança do mês anterior, houve uma elevada incidência de pulgão lanígero e elevadas capturas de mosca do Mediterrâneo. O fogo bacteriano permaneceu com uma incidência baixa a média. Nos frutos continuou a verificar-se algum estalamento das lenticelas (desordem cutânea que afeta severamente a qualidade visual e a conservação dos frutos), mas com uma incidência bastante menor do que o previsto, uma vez que a chuva no início do mês foi pouca e não agravou o problema.

Os pomares de limão, de um modo geral, mantiveram boas condições fitossanitárias. Durante o mês foram realizados tratamentos para prevenir o surgimento de míldio e de ácaros.

O olival encontrava-se, de um modo geral, em bom estado fitossanitário, não tendo sido necessário realizar tratamentos pós-colheita.

Na cultura do arroz, na fase final do ciclo não se verificaram ocorrências fitossanitárias com significado, devido à senescência das plantas.

Nas culturas hortícolas de ar livre, persistiram as pragas de piolhos, presentes nas várias espécies de couves, cujo combate está a ser muito difícil perante a falta de ferramentas eficazes devido à retirada de substâncias ativas do mercado. Em específico nos brócolos, pontualmente surgiu alternaria que causou perda de produção. O mês foi muito positivo do ponto de vista fitossanitário para as cenouras, sem registo de ocorrências.

Nas culturas de hortícolas em estufa, continuou a registar-se a presença de *Tuta absoluta*, mosca branca e *Botrytis* ou podridão cinzenta, no tomate, e de tripes no pepino e na courgette. A incidência das doenças e os ataques de pragas mantiveram uma intensidade baixa e os tratamentos realizados foram eficazes. Não foram identificados prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nas vinhas de uva de mesa, não se verificaram ocorrências com grande significado, apenas foi identificado um ligeiro ataque de mosca do Mediterrâneo, sem que se justificasse a realização de tratamentos pelo estado de maturação da uva e impossibilidade de cumprir os intervalos de segurança.

Os pomares de nogueiras encontravam-se em bom estado fitossanitário, sem sinal de infeções ou ataque de pragas, sendo reflexo das temperaturas altas e da baixa humidade que se fizeram sentir.

Nos pomares de amendoeiras, identificaram-se alguns ataques circunscritos de piolho e aranhiço, mas sem impacto relevante.

As oliveiras colhidas, de uma forma geral, apresentavam um bom estado fitossanitário, não se justificando qualquer tratamento.

No milho de regadio, nesta fase final de colheita não se identificaram ocorrências relevantes.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas de uva de mesa, devido às condições climatéricas de temperatura elevada e humidade, o oídio e a mosca da fruta (*Ceratitis capitata*) tiveram expressão elevada, causando alguns danos e levando à intensificação de tratamentos sem resíduos, mais onerosos.

Nos pomares de citrinos, em especial de laranja, voltou a surgir a mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), tendo havido necessidade de efetuar tratamentos na primeira quinzena. Com a redução das temperaturas a partir de meados do mês, a mosca do Mediterrâneo deixou de se reproduzir.

Os pomares de nogueiras apresentavam um bom estado fitossanitário.

Nos olivais, as condições climatéricas foram favoráveis ao bom estado fitossanitário da cultura, não tendo havido necessidade de realizar tratamentos.

Grande Lisboa

Nas novas instalações de culturas forrageiras, nomeadamente azevém, subsistiram preocupações quanto ao eventual surgimento de formigas, tendo em consideração os problemas registados na campanha anterior. Apesar do seu contributo para determinados processos ecológicos do solo, nomeadamente a sua estruturação e a dispersão de sementes, a sobrepopulação das formigas poderá ser prejudicial à instalação e ao desenvolvimento das culturas forrageiras, justificando a manutenção de uma vigilância regular das parcelas.

Nos pomares de macieiras de variedade tardia, como a Fuji, houve registo de um forte ataque da praga mosca do Mediterrâneo, que foi eficazmente controlada com

recurso a inseticidas de contacto e a armadilhas de captura em massa.

Nos citrinos, mais em concreto nos pomares de limoeiros, as temperaturas elevadas continuaram a promover o desenvolvimento da traça do limoeiro, continuando a provocar prejuízos sobretudo nos frutos jovens, com formação de perfurações superficiais e galerias no interior da polpa, afetando o desenvolvimento e a qualidade dos frutos e tornando-os mais suscetíveis à queda prematura. Foram realizados tratamentos para o controlo desta praga.

Os olivais apresentaram um estado fitossanitário satisfatório, não tendo sido identificada necessidade de realizar intervenções fitossanitárias durante o período em análise. Contudo, entre os fatores que condicionaram a produtividade da campanha, destaca-se a ocorrência de ataques significativos de mosca da azeitona, a par das condições climatéricas desfavoráveis, com repercussões na produção obtida em algumas parcelas.

No que respeita à cultura do milho, a presença de javalis continuou a constituir um dos principais fatores limitantes à produção, representando uma preocupação recorrente para os agricultores ao longo de todo o ciclo cultural, desde a instalação da cultura até à colheita. Os prejuízos causados por estes animais assumiram expressão significativa, traduzindo-se em danos nas parcelas e perdas de produção, com consequências negativas para a produtividade das explorações agrícolas. Relativamente às medidas de controlo anunciadas, que preveem a atribuição de compensações financeiras associadas ao abate de javalis em zonas identificadas com situações de sobrepopulação, verificou-se que, durante a presente campanha, estas ainda não dispunham de regulamentação operacional, pelo que não tiveram aplicação prática nem produziram efeitos no terreno.

Na cultura do arroz, de um modo geral, o estado fitossanitário manteve-se satisfatório, não se tendo registado doenças com expressão ou suscetíveis de comprometer significativamente a produção. Relativamente à fauna selvagem, continuaram a observar-se alguns estragos provocados por javalis nos muretes dos canteiros, embora sem expressão significativa. Por outro lado, os prejuízos decorrentes do pisoteio das searas por aves, particularmente por cegonhas, continuaram a constituir uma das principais preocupações dos produtores, sendo considerados mais relevantes do que os provocados pelo íbis. Os dispositivos de afugentamento sonoro instalados nas parcelas não têm revelado eficácia suficiente no controlo destas ocorrências, persistindo os danos associados ao pisoteio das plantas e às consequentes perdas de produção.

Península de Setúbal

Nas vinhas de uva para vinho, conforme referido no relatório anterior, a presença de cigarrinha verde ocorreu mais tardiamente do que em campanhas anteriores, com ataques elevados e maior dificuldade de controlo, afetando a produção na sua fase final. Em algumas parcelas, onde a vinha ainda mantinha atividade vegetativa, a cigarrinha permaneceu bastante ativa ao longo do mês, tendo sido efetuados tratamentos fitossanitários para o seu controlo.

No que diz respeito às tangerineiras, o estado fitossanitário do pomar manteve-se satisfatório, não tendo sido registada a ocorrência de pragas ou doenças com impacto económico relevante. Manteve-se a monitorização regular das principais pragas, nomeadamente cochonilha, ácaros e afídeos, cuja incidência foi considerada em níveis baixos.

Nas culturas permanentes com frutos ainda por colher registou-se uma elevada pressão da mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), com presença de frutos picados e danos na produção.

Na cultura de milho para grão e na cultura do arroz, ambas em fase final de colheita, não se registaram neste

mês novas ocorrências fitossanitárias, mantendo-se, em geral, o bom estado sanitário das parcelas.

A cultura da batata estival apresenta bom estado sanitário, favorecido pelas condições de tempo seco, sem registo de situações de míldio. Relativamente às pragas mais comuns, nomeadamente escaravelho da batateira e *Tuta absoluta*, têm sido controladas através de tratamentos fitossanitários regulares.

A presença de javalis continua a ser visível em culturas ainda instaladas e a provocar danos.

Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, as pastagens de sequeiro, espontâneas e semeadas, permaneceram secas, sem disponibilidade de alimento para os animais.

No Baixo Oeste, na segunda quinzena concluiu-se o corte do milho para silagem nas searas mais tardias. A produtividade obtida foi menor do que no ano anterior e abaixo do previsto. A qualidade da produção foi boa, semelhante ao ano anterior, embora as plantas se encontrassem um pouco mais secas do que o habitual.

Durante o mês fizeram-se algumas sementeiras de forragens de outono-inverno, designadamente azevém e consociações. Contudo, grande parte das áreas previstas encontravam-se ainda com as culturas por instalar. Muitas terras já estavam preparadas, a aguardar pela previsão de chuva para avançar com as sementeiras. As terras encontravam-se muito secas e a ausência de precipitação estava a atrasar a instalação das culturas forrageiras. A forte subida dos custos de produção tem levado os produtores a serem muito cautelosos e a procurarem formas de reduzir despesas, o que passará pelo aproveitamento de forragem de nascimento espontâneo de sementeiras do ano anterior, se a germinação for suficiente. A forte subida dos custos de produção tem gerado incerteza nas intenções dos produtores, havendo alguma probabilidade de retração das áreas de culturas forrageiras.

As condições de alimentação das espécies pecuárias mantiveram-se semelhantes a igual período do ano anterior. Os bovinos com aptidão de carne, que se encontravam no campo, estavam a ser alimentados à mão, com fenos, palhas e fenossilagem, devido à falta de alimento nas pastagens. Por vezes, nesta fase do ano, as pastagens já apresentam renovo sendo possível alguma alimentação a dente. As espécies pecuárias estabuladas com aptidão de leite, mantinham o habitual equilíbrio entre alimentação natural conservada (fenos, silagem e fenossilagem) e rações industriais. Alguns produtores pecuários estavam a gastar mais silagem e a tentar administrar menos concentrados (rações) devido ao aumento dos preços.

O forte aumento dos custos de produção no setor pecuário continuou a fazer-se sentir no preço dos alimentos para os animais (palha, fenos, silagens, rações industriais), no gasóleo, nos serviços agrícolas e outros.

No **Médio Tejo**, com as condições meteorológicas ao longo do mês, tempo muito seco, praticamente sem chuva, as pastagens permanentes de sequeiro não apresentavam qualquer evidência de germinação das plantas. As pastagens de regadio continuavam garantidas com as regas, em boas condições e com um desenvolvimento vegetativo regular. As pastagens temporárias de sequeiro estavam completamente secas. Os prados de regadio, com as regas e as temperaturas amenas, apresentavam um bom aspeto e vigor vegetativo.

Relativamente às culturas forrageiras, ao longo do mês foi possível avançar com algumas sementeiras.

Quanto às condições de alimentação das espécies pecuárias, em particular dos bovinos em regime extensivo, estas baseavam-se essencialmente no consumo de forragens conservadas, nomeadamente fenossilagem. A alimentação dos animais em recria assentou principalmente nos alimentos concentrados.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, embora algumas pastagens de sequeiro ainda apresentassem algum alimento, a maior parte encontrava-se muito seca e sem disponibilidade de alimentação para os animais. Decorreram sementeiras de novas pastagens de sequeiro, bem como de culturas forrageiras anuais, cuja maior parte se encontrava já instalada no final do mês. Nas primeiras áreas instaladas com azevém em regadio, no final do mês estava a ser feito o primeiro corte.

As condições de alimentação das diversas espécies pecuárias, em especial nos bovinos de aptidão para carne em regime extensivo, estavam mais complicadas do que em igual período do ano anterior. A ausência de precipitação no início do outono não permitiu a renovação das pastagens, que não dispunham de alimento. Em consequência, os animais estavam a comer à mão, fenos e palhas, alimentos que se encontravam a preços muito elevados. Por esta razão os produtores têm aproveitado todas as possibilidades disponíveis, incluindo palhas de arroz e de milho, possíveis de enfardar por o ano ter sido muito seco. Nas explorações pecuárias autossuficientes na produção de alimentos naturais conservados, as condições foram mais favoráveis e nalguns casos muito idênticas ao ano anterior, principalmente nas que produzem forragens em regadio. Os animais estabulados, em especial de aptidão leiteira, mantinham os regimes alimentares habituais. Algumas explorações ainda dispunham de forragens do ano anterior. Os bovinos de raça brava mantinham um regime alimentar à base de fenos e bolotas por falta de pasto suficiente.

Na **Grande Lisboa**, no final do mês encontravam-se concluídas algumas sementeiras de culturas forrageiras, nomeadamente azevém e consociações, bem como as operações de ressementeira dos prados. Em algumas parcelas anteriormente ocupadas com tomate para indústria, após a conclusão da colheita, foram realizadas operações de gradagem, seguindo-se a instalação de azevém. Encontravam-se igualmente semeadas, no final do mês, as parcelas destinadas à produção de forragem para fenossilagem, cuja instalação havia sido iniciada em setembro.

A disponibilidade de biomassa das pastagens de sequeiro permaneceu muito reduzida, não sendo ainda possível perspetivar uma recuperação enquanto não se verifique uma melhoria das condições de humidade do solo.

A manutenção do estado vegetativo das pastagens de regadio esteve dependente de uma gestão adequada dos principais fatores de produção, designadamente água de rega, energia e fertilizantes.

A reduzida disponibilidade de pastagem natural de sequeiro continuou a condicionar a alimentação dos efetivos pecuários explorados em regime extensivo, mantendo-se a necessidade de suplementação alimentar com feno e fenossilagem, sem que, contudo, tivesse sido necessário recorrer à utilização de rações industriais. Esta situação apresentou-se semelhante à observada em igual período do ano anterior.

Na **Península de Setúbal**, o mês apresentou condições particularmente desfavoráveis para as pastagens, devido à ausência de precipitação e à persistência de temperaturas elevadas, que agravaram significativamente a secura dos solos. No final do mês as pastagens encontravam-se, em geral, sem condições para germinação e desenvolvimento da vegetação, sendo a disponibilidade de alimento praticamente inexistente, verificando-se apenas alguma germinação

muito residual nas zonas de solos mais argilosos, onde ainda se mantinha algum pastoreio.

A colheita do milho destinado à produção de silagem, que tinha sido iniciada em meados de agosto terminou durante este mês, com produtividade semelhante à da campanha anterior. Relativamente ao preço pago à produção, apesar do aumento face ao ano anterior, justificada por uma maior procura e menor oferta, o valor não foi suficiente para compensar a subida dos custos de produção, mantendo-se a pressão sobre a rentabilidade da cultura.

Durante a campanha foram realizados três cortes na cultura de erva do Sudão com destino a silagem, em julho, agosto e setembro. No caso da fenossilagem foram efetuados dois cortes, em agosto e em setembro, prolongando-se para o início de outubro. A produtividade foi um pouco superior à da campanha anterior.

Relativamente à alimentação dos efetivos pecuários, face à escassez de pastagem natural, começou a generalizar-se a necessidade de recorrer a alimentos conservados, nomeadamente à fenossilagem e feno. Prevê-se, assim, que a suplementação alimentar seja bastante significativa enquanto não ocorrer a reposição de alimentação natural nas pastagens, com os consequentes encargos acrescidos para as explorações pecuárias.

Relativamente à disponibilidade de forragens, as reservas são muito inferiores às verificadas no ano anterior. Mantém-se a preocupação dos agricultores, face à insuficiência do autoaprovisionamento para satisfazer as necessidades alimentares dos efetivos pecuários, sendo necessária a aquisição de alimentos forrageiros.

Preparativos para o próximo ano agrícola. Condições em que decorreram as lavouras e sementeiras

No **Oeste**, a área de cereais praganosos de outono-inverno tem vindo a diminuir. Atualmente a cultura é quase inexistente no Alto Oeste e muito reduzida no Baixo Oeste, sendo praticada principalmente nos concelhos de Alenquer, Torres Vedras e Arruda dos Vinhos, mantendo também alguma presença no concelho da Lourinhã. De acordo com o calendário habitual para a região, as sementeiras de cereais praganosos de outono-inverno decorrem a partir de novembro, com a instalação do trigo, iniciando-se ainda em outubro os trabalhos de preparação das terras. Apesar das temperaturas terem diminuído na segunda quinzena e ficado mais adequadas ao período outonal, o mês, à semelhança dos anteriores, manteve-se muito seco. Houve intervenção em algumas terras, mas não em muitas. O solo encontrava-se bastante seco e os produtores aguardavam pela chuva para facilitar os trabalhos de preparação dos campos. Se tivesse ocorrido precipitação com algum significado, certamente teria aumentado a atividade de lavoura dos terrenos. As terras preparadas encontravam-se gradadas e outras lavradas, mas a preparação final será feita em simultâneo com as sementeiras. Há ainda muita incerteza relativamente às áreas a instalar este ano, mas, de um modo geral, observou-se a intenção de aumento de áreas relativamente ao ano anterior, uma vez que no ano passado os produtores foram impedidos de instalar as culturas por motivos climatéricos. A subida dos custos de produção e a incerteza de haver ou não apoios públicos, contribuem para que os agricultores ainda não tenham tomado decisões sobre a dimensão das áreas a instalar.

Nas vinhas para vinho, decorreram diversas operações após a vindima. Embora de forma não generalizada, fizeram-se aplicações de cobre para a desinfeção das lesões causadas pela vindima mecânica. Nas vinhas que tiveram focos de doenças criptogâmicas foram realizados tratamentos de desinfeção, com enxofre ou

produtos fitofarmacêuticos específicos. Efetuaram-se adubações para restituição de reservas ao solo antes do início da dormência das plantas (altura em que são acumuladas reservas para o próximo ciclo). Procedeu-se à incorporação de matéria orgânica para adicionar nutrientes à cultura e melhorar a estrutura do solo. Decorreram ainda trabalhos de reparação de sistema de tutoragem, sementeiras de relvados nas entrelinhas, arranques e surribas que antecedem plantações em 2027 ou 2028. Os trabalhos de poda ainda não tinham sido iniciados. Durante o mês as vinhas evoluíram no sentido da senescência e repouso vegetativo.

Nos pomares de pereiras, realizaram-se tratamentos para promover a queda da folha, a fim de se antecipar um pouco a contagem das horas de frio. Foram iniciadas as podas sanitárias para contenção do fogo bacteriano, principalmente nos produtores que se candidataram ao apoio no âmbito do PEPAC, que prevê a primeira intervenção até 15 de outubro e a segunda até 30 de janeiro.

No **Médio Tejo**, os preparativos para o próximo ano agrícola, iniciados em outubro, decorreram com o solo muito seco e teores de humidade muito baixos. Os agricultores aguardaram pela ocorrência das primeiras chuvas de forma a reunirem as melhores condições para a preparação dos solos antes das sementeiras. Face à previsão de precipitação para os primeiros dias de novembro, realizaram-se nos últimos dias do mês, algumas operações de preparação dos solos (ripagem/escarificação e gradagens) e ainda algumas sementeiras diretas. As primeiras sementeiras de cereais praganosos, em particular de trigo mole e duro, encontravam-se previstas para o início de novembro. No que respeita às culturas forrageiras, estavam já instaladas algumas áreas de azevém e de consociações anuais. No final do mês, encontravam-se ainda preparados alguns solos para a instalação de aveia forrageira, estando as sementeiras previstas para o início de novembro.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, os preparativos para o próximo ano agrícola decorriam dentro do expectável. Tratando-se de culturas de sequeiro, a previsão de chuva no início de novembro veio criar mais ritmo nas sementeiras. No final do mês já havia terras preparadas para a instalação das culturas de outono-inverno e sementeiras realizadas de cereais de ciclos mais longos. Contudo, a instalação da maior parte dos cereais está prevista a partir de meados de novembro. Em termos de perspetiva de áreas a instalar, há ainda muita incerteza nos produtores devido ao aumento dos custos de produção.

Nas vinhas de uva para vinho, muitos produtores ao longo do mês efetuaram aplicações de matéria orgânica. Pontualmente, já foram iniciados os trabalhos de pré-poda.

Na **Grande Lisboa**, durante o mês procedeu-se à mobilização de alguns terrenos para a instalação de cereais praganosos e às sementeiras de culturas forrageiras, tal como referido no capítulo anterior. Em alguns solos com teor de humidade muito residual, houve grande dificuldade na realização de operações de preparação, como a gradagem, uma vez que a terra se encontrava excessivamente seca, endurecida e com elevada resistência, dificultando a obtenção de uma estrutura homogénea, regular e com contacto adequado entre solo e semente.

Nas vinhas iniciou-se a queda das folhas, embora em algumas parcelas a folhagem se mantivesse ainda sem sinais evidentes de senescência. No âmbito das operações culturais, foram realizadas adubações foliares para correção de situações pontuais de carência, nomeadamente de magnésio, bem como aplicações à base de cobre, com o objetivo de reduzir o inóculo de doenças para o ciclo vegetativo seguinte.

Na **Península de Setúbal**, de um modo geral, os trabalhos de preparação dos solos para as sementeiras das

culturas de outono-inverno, usualmente efetuadas em meados/finais deste mês, encontravam-se praticamente concluídos. No entanto, a falta de precipitação condicionou o início do novo ciclo vegetativo. Nas pastagens em regime de sequeiro, a instalação das culturas encontrava-se condicionada pela disponibilidade de água. A ocorrência de precipitação no início de novembro será determinante para o avanço das sementeiras. Nalgumas situações foram realizadas sementeiras no final do mês, aproveitando as condições de humidade proporcionada pelo orvalho matinal e na expetativa de ocorrência de precipitação no início de novembro, havendo, no entanto, algum risco quanto à germinação e emergência das culturas. Nas explorações com sistema de regadio, foram realizadas sementeiras de azevém e de outras forrageiras, encontrando-se as culturas nascidas, prevendo-se o primeiro corte em dezembro ou janeiro. Serão ainda efetuadas sementeiras de consociações com gramíneas e leguminosas, destinadas à produção de feno ou fenossilagem, de modo a assegurar a disponibilidade dos recursos forrageiros para o próximo ano agrícola.

Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas de uva de mesa, pomares de pomóideas, prunóideas, Kiwis, frutos secos e olivais de azeitona para azeite: estado vegetativo; produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Vinhas de uva de mesa

No Oeste, as colheitas de uva de mesa terminaram no início do mês. De um modo geral, o ano foi mais produtivo, tendo-se verificado que a maior parte das variedades desenvolveram uma quantidade de cachos mais elevada do que no ano anterior. As produtividades foram bastante satisfatórias nas variedades mais precoces. Contudo, a perspetiva de produção foi diminuindo com o decorrer das colheitas. Os episódios de temperaturas elevadas e de precipitação, provocaram escaldão, desidratação dos bagos e desenvolvimento de podridão. Verificaram-se perdas acentuadas que resultaram na redução significativa da produção, principalmente nas variedades mais tardias. A produção colhida em julho e agosto apresentou boa qualidade. Nas colheitas de setembro e outubro verificou-se uma diminuição da qualidade. De um modo geral, estima-se uma produtividade média mais elevada do que a do ano anterior e uma produção global superior, mas mais moderada do que a perspetivada inicialmente.

No Médio Tejo, as vinhas de uva de mesa, encontravam-se com a colheita terminada. Nas variedades mais precoces, verificou-se um aumento da produtividade relativamente ao ano anterior. No entanto, o mesmo não se verificou nas variedades mais tardias, em especial na fase final da colheita, registando-se menor produtividade do que a expectável. As temperaturas muito elevadas de setembro causaram escaldão e comprometeram a qualidade da produção, devido à desidratação dos bagos e à formação de uva passa. De um modo geral, mantém-se a previsão de aumento da produtividade média relativamente ao ano anterior, ainda que menos expressiva do que a estimada inicialmente.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, estava concluída a colheita das variedades mais tardias nas vinhas de uva de mesa. Nas uvas brancas Dona Maria e Vitória, bem como na Regal (sem grainha), verificou-se uma redução significativa da produção devido a escaldão numa fase tardia. Nas variedades Red Globe e Palieri as produções foram satisfatórias. As expetativas de produtividade foram diminuindo no decorrer da campanha devido aos problemas de escaldão em julho e em setembro, e de podridão na sequência das chuvas de agosto. No entanto, mantém-se a estimativa de um aumento da

produtividade média relativamente ao ano anterior, embora menos acentuado do que inicialmente previsto.

Na Grande Lisboa, a vindima da uva de mesa ficou concluída no mês anterior. A qualidade comercial da produção foi condicionada pelas temperaturas elevadas registadas ao longo da campanha, que provocaram situações de escaldão e desidratação dos bagos, bem como pela ocorrência de podridão cinzenta em variedades mais suscetíveis. Na variedade Vitória, os reduzidos teores de sólidos solúveis, associados às características visuais dos bagos, constituíram igualmente fatores limitantes da qualidade comercial. Na variedade Dona Maria, a elevada incidência de escaldão provocou perdas de produção estimadas em cerca de 50%. Na Red Globe, os prejuízos associados a este incidente fisiológico terão afetado aproximadamente 40% da produção, tendo-se verificado também situações de desidratação dos bagos. Por sua vez, na variedade Sugraone, a incidência de podridão cinzenta comprometeu significativamente a qualidade comercial da uva. No conjunto, os efeitos das condições meteorológicas adversas e dos problemas fitossanitários verificados ao longo da campanha traduziram-se numa redução da produtividade média da uva de mesa, relativamente à campanha anterior, embora com diferenças significativas entre variedades e parcelas. A campanha ficou, assim, caracterizada por limitações à qualidade comercial dos frutos e por perdas de produção, particularmente expressivas nas variedades mais suscetíveis ao escaldão e à ocorrência de podridões.

Pomóideas

No Oeste, as colheitas de pera Rocha terminaram no início de setembro. Em termos globais, registou-se um aumento significativo de produção face ao ano anterior, apesar da redução do potencial produtivo associado a alguns arranques de pomar e à realização de podas sanitárias para contenção do fogo bacteriano. Relativamente à qualidade, a fruta colhida apresentou calibres menores do que na campanha anterior e boa concentração de compostos solúveis na polpa (medidos em grau *Brix*). A exposição dos frutos às temperaturas elevadas no mês de julho poderá prejudicar o processo de conservação e provocar um aumento de perdas, mas até ao final do mês não havia registo de problemas.

No que respeita às maçãs, a colheita das variedades mais tardias encontrava-se praticamente concluída, faltando apenas alguma produção, em segunda monda, da variedade Fuji. De um modo geral, com o evoluir das colheitas a perspetiva de produtividade melhorou nas variedades mais tardias, devido principalmente ao aumento dos calibres, resultante da chuva no final de agosto. Embora as situações tenham sido diversas no campo, em termos globais prevê-se uma produtividade média da campanha ligeiramente superior à do ano anterior. Os frutos em geral apresentavam boa qualidade organolética. Apesar dos receios durante a colheita, devido ao escaldão solar nas variedades Reineta e Fugi, até ao final do mês não foram registados problemas de conservação. No entanto, a depreciação dos frutos causada pela queimadura solar, levou ao seu encaminhamento para a indústria, o que se traduziu num prejuízo para os produtores, devido à grande diferença de valorização da produção entre o mercado de consumo em fresco e a indústria.

Na Grande Lisboa, durante o mês, ocorreu a maturação fisiológica das variedades tardias, nomeadamente da Fuji, tendo ficado concluída a respetiva colheita. A ausência de precipitação significativa, associada às temperaturas diurnas elevadas, condicionou a qualidade dos frutos, originando uma coloração heterogénea, calibres reduzidos e valores elevados de matéria seca e de sólidos solúveis (grau *Brix*). A produtividade média obtida foi inferior à registada na campanha anterior, sendo esta redução atribuída, sobretudo, às condições meteorológicas desfavoráveis.

Prunóideas

No Oeste, as colheitas das variedades tardias de ameixas e pêssegos ficaram concluídas em agosto. A produtividade foi semelhante à de um ano normal e muito superior ao ano passado. Os frutos apresentaram bastante qualidade, com bom calibre, boa textura da polpa e grau *Brix* elevado.

Na Grande Lisboa, deu-se por finalizada a colheita de ameixa, tendo ficado concluída a principal fase de colheita da cultura no mês de agosto. Após a colheita, as árvores têm vindo a entrar progressivamente na fase de senescência, caracterizada pela translocação dos assimilados acumulados nas folhas para os tecidos lenhosos e órgãos de reserva. Como consequência deste processo fisiológico, observou-se a descoloração progressiva das folhas, seguida da sua queda. Este estado fisiológico da cultura é compatível com a sua evolução normal após a colheita e com a preparação das árvores para o período de repouso vegetativo. Como balanço do final da presente campanha, a produtividade média obtida foi superior à da campanha anterior.

Citrinos

No Oeste, nos pomares de limão, os frutos vingados da floração de primavera encontravam-se em crescimento e os mais adiantados a desenvolver coloração e atingirão o ponto de colheita nos finais de novembro ou início de dezembro. As condições do tempo na primavera foram favoráveis para a floração e vingamento, pelo que os limoeiros apresentavam uma boa quantidade de frutos, perspetivando-se um ano médio de produção. Os pomares que ficaram mais danificados com a tempestade Kristin não produziram frutos ou produziram muito menos, mas as árvores já desenvolveram um renovo vegetativo, apresentando condições para uma floração normal na próxima primavera. A produção atualmente disponível no mercado é importada da África do Sul principalmente, mas também alguma da Argentina, Turquia e Egipto, sendo transacionada a preços muito baixos, que a produção nacional não consegue acompanhar.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall) foram afetados pelas elevadas temperaturas de setembro e da primeira quinzena de outubro, mesmo com a manutenção de níveis de rega semelhantes aos meses de verão. Apesar destas circunstâncias, prevê-se uma produção bastante superior ao ano precedente. A qualidade aparenta ser boa, mas as condições meteorológicas dos próximos meses é que definirão os aspetos qualitativos.

Na Grande Lisboa, nos pomares de limoeiros o estado dos frutos foi prejudicado pela incidência da traça do limoeiro, bem como pela falta de humidade no solo, o que ao longo da campanha tem contribuído para a redução do potencial produtivo.

Na Península de Setúbal foi efetuada colheita de limões, em quantidade reduzida, apresentando frutos de calibre médio. A qualidade também foi média. As temperaturas elevadas provocaram queimaduras solares nos frutos. Prevê-se uma maior quantidade de produção na próxima colheita, a realizar no início do próximo ano.

Nos pomares de tangerineiras, as plantações adultas prosseguiram o desenvolvimento dos frutos, com evolução gradual do calibre e o início da mudança de coloração da casca, de verde para tonalidades mais alaranjadas. Nas plantações mais jovens, manteve-se a consolidação da copa, com desenvolvimento dos ramos e maturação dos tecidos vegetativos.

Amendoal

No Médio Tejo, a colheita ficou concluída em setembro, tendo a mesma decorrido com regularidade. Após a rega pós colheita e fertirrigação, iniciava-se a preparação da

fase final de ciclo, garantindo a acumulação de reservas nutricionais nas árvores e preparação do pomar para o repouso invernal (dormência). Esta etapa é crucial para assegurar a boa diferenciação floral e o vigor da brotação na primavera seguinte. A produtividade foi muito superior à registada na campanha precedente. Esta foi uma boa campanha, com bons níveis de produção e em termos qualitativos, o miolo apresentou uma boa qualidade.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as colheitas de amêndoa terminaram em setembro. A produtividade foi boa, superior à do ano anterior. O miolo, em geral, apresentou boa qualidade e bom calibre. No entanto, nos pomares assolados pelas cheias do rio Tejo, a cultura ficou comprometida devido a asfixia radicular, prevendo-se o arranque de alguns pomares, sem replantação. O rendimento industrial foi afetado pelas altas temperaturas do verão.

Na Península de Setúbal, a colheita da amêndoa decorreu em setembro, com frutos de qualidade razoável. A produtividade foi superior à da campanha anterior, apesar de ser ainda insuficiente para compensar o aumento dos custos de produção. O preço foi mais elevado do que na campanha antecedente.

Nogueiral

No Médio Tejo, os pomares de nogueiras encontravam-se na fase final de colheita das variedades mais tardias. A operação ao longo do mês decorreu com normalidade. Contrariamente ao esperado, tendo em conta a maturidade dos pomares, muitos dos quais já em plena produção, verificaram-se níveis de produção abaixo do expectável. Verificaram-se frutos com boa qualidade, apenas a salientar alguma perda de coloração *"extra light"*, na casca e no miolo, causada pelo calor muito elevado no mês de setembro. Em alguns pomares em termos fisiológicos, devido à falta de precipitação e défice hídrico verificado nas plantas, poderá ser necessário efetuar uma rega para assegurar o adequado estado hídrico das árvores e não comprometer a próxima floração, em especial a masculina.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, estava a terminar a colheita das variedades mais tardias. A produtividade foi ligeiramente menor do que o previsto, numa fase em que os pomares estão a entrar na maturidade. A qualidade da produção foi boa, apenas a assinalar alguma perda de cor na casca e no miolo em resultado das temperaturas muito elevadas em setembro. Devido à falta de chuva, poderá haver necessidade de rega após a colheita para manter as plantas hidratadas e não comprometer a floração do próximo ciclo produtivo.

Olival

No Oeste, a maturação fisiológica das azeitonas foi heterogénea na maioria das variedades, processo que foi influenciado pelas temperaturas diurnas elevadas e por noites frescas e húmidas. A maior parte dos olivais já se encontrava colhida. Nas parcelas e variedades precoces, que compõem a maior área de produção, a campanha regista uma descida da produtividade relativamente ao ano anterior, devido aos problemas que marcaram o processo de floração e à forte queda de azeitona provocada pelos ataques intensos de mosca. Em sentido contrário, as variedades e parcelas tardias, que representam uma área significativamente menor, registam um ligeiro aumento de produtividade, refletindo um processo de floração mais favorável e uma menor intensidade de ataques de mosca. Em termos globais, estima-se uma descida da produtividade média comparativamente ao ano anterior. A qualidade organolética dos azeites e os rendimentos foram elevados ao longo da campanha, devido à colheita ter decorrido sem registo de precipitação significativa, embora o elevado teor de matéria seca tenha dificultado

o processo de extração. O rendimento industrial evoluiu positivamente no decurso da colheita, estimando-se um valor médio entre 14,5% e 16%, superior ao verificado no ano anterior.

No Médio Tejo, encontrava-se já colhida uma grande parte dos olivais tradicionais de sequeiro. Verificou-se uma ligeira diminuição da produtividade nas variedades precoces em relação ao ano anterior, ao contrário das variedades tardias, em que se registava uma produtividade semelhante à da campanha anterior. Pelo facto da colheita de azeitona ter decorrido sem o registo de precipitação significativa, a qualidade organolética dos azeites e rendimentos (14% a 16%) foram subindo ao longo da mesma, embora o elevado teor de matéria seca tenha dificultado o processo de extração. Nos olivais intensivos, ao longo do mês decorreu a colheita com normalidade. Estes olivais encontravam-se em muito bom estado fitossanitário, verificando-se frutos com boa qualidade. É estimada uma produtividade superior ao ano anterior. Em termos globais na região perspetiva-se uma produtividade superior ao ano anterior. Relativamente à produção colhida, verificou-se um bom rendimento da azeitona em azeite (variável com a variedade).

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, durante o mês continuaram a decorrer as colheitas das variedades precoces, as quais se realizaram em boas condições. Algumas variedades mais tardias encontravam-se ainda a terminar a fase de maturação. Em termos gerais, estima-se uma produtividade superior ao ano anterior. Contudo, perante o atual cenário de preços baixos, muitos produtores de pequena e média dimensão, não farão a colheita da totalidade da azeitona, sobretudo em olivais em que não seja viável a mecanização, devido ao elevado custo e indisponibilidade de mão de obra. As azeitonas apresentavam um excelente estado fitossanitário e uma qualidade superior à do ano anterior, o que permitiu a produção de azeites com baixa acidez. O rendimento industrial da azeitona é mais elevado comparativamente ao ano anterior, bem como a qualidade, com grande parte do azeite produzido até ao final do mês, enquadrado na categoria virgem extra.

Na Grande Lisboa, verificou-se a maturação fisiológica das variedades mais tardias e a conclusão progressiva da respetiva colheita. No final do mês, encontrava-se já colhida uma parte significativa dos olivais de sequeiro da região. Os primeiros resultados da presente campanha nas variedades mais precoces apontam para uma diminuição da produtividade relativamente à campanha precedente. Em contrapartida, as variedades de ciclo mais tardio apresentaram, de um modo geral, produtividades próximas das registadas na campanha anterior. Estima-se uma produtividade média ligeiramente inferior à registada em 2025. Globalmente, a produção apresentou uma qualidade considerada boa, embora inferior à obtida no ano anterior. Relativamente à qualidade da produção, a ausência de precipitação significativa durante a colheita favoreceu a evolução dos parâmetros de qualidade organolética dos azeites e dos rendimentos de extração, que foram aumentando progressivamente, situando-se estes últimos entre 14% e 16%. Contudo, o elevado teor de matéria seca dos frutos, associado à falta de hidratação das árvores, dificultou o processo de extração do azeite. Em síntese, a presente campanha ficou marcada por condições meteorológicas pouco favoráveis, pela ocorrência de ataques de mosca da azeitona e por uma maturação heterogénea dos frutos, fatores que contribuíram para uma redução da produtividade global relativamente à campanha anterior, apesar da qualidade satisfatória da produção obtida.

Na Península de Setúbal, a colheita da azeitona iniciou-se este mês, devendo terminar até ao final de novembro. A qualidade do fruto colhido foi, em geral, boa, sem grande incidência de mosca de azeitona ou de outras pragas ou doenças. Face às condições de tempo seco, o rendimento da extração foi da ordem de 13%, valor

considerado muito bom para a região. Relativamente à produtividade, deverá ser inferior à da campanha anterior, que foi de boa produção.

Culturas arvenses de sequeiro e regadio nomeadamente Milho, Arroz, Grão de Bico, Feijão, Tomate (para indústria) e Girassol: estado vegetativo; disponibilidade de água para rega; andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

Milho de sequeiro

No Oeste, a colheita terminou em setembro. A produtividade diminuiu significativamente em comparação com o ano anterior. As temperaturas bastante elevadas e a escassez de precipitação foram muito negativas para a cultura. Provocaram a secagem precoce das plantas, antecipando o fim dos ciclos produtivos. De um modo geral, o milho colhido apresentou boa qualidade fitossanitária. O calibre do grão ficou ligeiramente inferior ao habitual. O milho já se encontrava bastante seco no campo, favorecendo a diminuição dos custos com a secagem pós colheita. A produção foi destinada à alimentação animal, como habitualmente.

Milho de regadio

No Médio Tejo, ao longo do mês decorreu a colheita com normalidade, encontrando-se praticamente a terminar, com 97% das áreas colhidas. As temperaturas ainda altas mantiveram os teores de humidade dos grãos baixos. Por estarem secos, parte dos grãos partiam-se e perdiam-se pelos crivos das ceifeiras debulhadoras, mantendo-se alguma perda de produção. Verificava-se, no entanto, uma produtividade ligeiramente superior à obtida no ano anterior. A qualidade dos grãos foi considerada boa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as colheitas decorreram normalmente, encontrando-se numa fase muito avançada no final do mês, próximas de 90%. O milho rececionado nas unidades de secagem apresentava-se já bastante seco, por vezes com teores de humidade abaixo do desejável, o que se traduziu num prejuízo para os produtores por representar menor peso. O ano foi particularmente excecional no que respeita à concentração das colheitas devido à secagem muito rápida do milho no campo, causando episódios de maior constrangimento nas unidades de receção. Em termos de produtividade, verificou-se alguma heterogeneidade, com campos a apresentarem produções interessantes e outros com produções mais baixas. De um modo geral, estamos perante uma campanha média com produtividades semelhantes ou um pouco superiores às do ano anterior, embora seja uma campanha com circunstâncias muito diferentes. De um modo geral, a qualidade do milho é boa, embora os calibres estejam menores devido à antecipação da retirada da rega e aos teores de humidade do grão mais baixos. Apesar dos preços mais favoráveis nesta campanha, o forte aumento dos custos de produção depreciou o rendimento económico da cultura.

Na Grande Lisboa, no final do mês encontravam-se concluídas as colheitas das searas de milho para grão que haviam sido instaladas durante o mês de maio. Por sua vez, as sementeiras efetuadas em junho destinar-se-ão, em princípio, maioritariamente para produção de milho para silagem, prevendo-se que a sua colheita decorra durante o mês de novembro. A produtividade do milho para grão foi globalmente favorável. O grão apresentou um teor de humidade relativamente baixo, entre 15% e 18%, resultado que se atribui às condições meteorológicas quentes e secas verificadas durante o ciclo final da cultura e a colheita. Esta circunstância permitiu reduzir significativamente a necessidade de

secagem artificial após a debulha. Relativamente ao milho destinado à produção de silagem, as perspetivas de produtividade são igualmente favoráveis. De um modo geral, a campanha apresenta resultados produtivos positivos, destacando-se a boa produtividade do milho para grão e as condições favoráveis à sua conservação, decorrentes do reduzido teor de humidade à colheita.

Na Península de Setúbal, a colheita iniciou-se no final de setembro e ficou concluída no final deste mês. A qualidade do grão colhido foi boa e dentro do normal. A produtividade registou, de um modo geral, valores semelhantes aos da campanha anterior, sendo de salientar, conforme referido no relatório anterior, decréscimos consideráveis nalgumas parcelas, associados aos danos provocados pela presença de javalis, que afetaram o potencial produtivo da cultura. Relativamente ao preço pago ao produtor, verificou-se um ligeiro aumento face à campanha anterior. Contudo, os preços continuam baixos e insuficientes para compensar o agravamento dos custos de produção, condicionando a rentabilidade da cultura.

Arroz

No Oeste, continuou a decorrer a colheita nos arrozais, estimando-se que a ceifa no final do mês se encontrasse realizada em cerca de metade da área instalada ou um pouco mais. As operações de colheita decorreram com normalidade e sem grandes pressões climatéricas, estando previsto terminarem até ao final de novembro. Os campos de arroz encontravam-se já todos em estado de maturação, embora os mais atrasados apresentassem ainda teores de humidade elevados. Em termos de produtividade, perante a indisponibilidade de informação mais atualizada, mantém-se a estimativa anteriormente avançada, de uma produtividade ligeiramente menor do que no ano anterior. A forte presença de infestantes prejudicou o ritmo da ceifa, por tornar mais demorado o processo de limpeza do grão (separação dos restantes resíduos de colheita, designadamente palha do arroz e infestantes). Devido ao calor, o teor de humidade do grão encontrava-se dentro dos parâmetros adequados para a colheita, mas alguns já se apresentavam demasiado secos e com maior suscetibilidade de estalar, o que fez aumentar a percentagem de arroz partido (trinca), fator depreciativo da qualidade comercial da produção. A presença de infestantes não prejudicou a qualidade final do arroz. A avaliação da qualidade industrial só fica disponível mais tarde, habitualmente após a conclusão das entregas na indústria.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as colheitas de arroz decorreram com normalidade. No final do mês encontravam-se colhidas cerca de 90% das áreas. Constatou-se alguma heterogeneidade nas produtividades obtidas. Em algumas searas foi semelhante ao ano anterior e noutras verificou-se mais elevada. De um modo geral, estima-se uma produtividade média um pouco acima da obtida no ano anterior. Nesta campanha, os custos de secagem foram mais baixos pelo arroz ter secado muito no campo. Este facto, no entanto, afetou o rendimento industrial por o arroz mais seco ter ficado mais quebradiço, resultando numa maior percentagem de trincas.

Na Grande Lisboa, durante o mês prosseguiram os trabalhos de colheita, iniciados em setembro, prevendo-se a sua conclusão durante o mês de novembro. No final do mês encontrava-se já colhida aproximadamente 95% da área instalada. Em termos quantitativos, perspetiva-se que a produção final possa superar a registada na campanha anterior. Em contrapartida, a qualidade industrial da produção tem-se revelado condicionada pela elevada percentagem de grãos partidos (trinca). Esta situação estará associada à ocorrência de fissuras internas nos grãos, provavelmente resultantes das condições meteorológicas verificadas durante o período

de enchimento e maturação. Estas fissuras comprometem a resistência dos grãos durante as operações de transformação, originando uma redução do rendimento industrial. Do ponto de vista económico, os produtores manifestaram particular preocupação com o aumento dos custos de produção, nomeadamente com combustíveis, produtos fitofarmacêuticos e outros fatores de produção, indispensáveis à condução da cultura. A evolução destes encargos não tem sido acompanhada pelo preço pago ao produtor, mantendo-se, para a presente campanha, o mesmo preço pago na campanha anterior, situação que contribui para uma maior pressão sobre a sustentabilidade financeira da atividade. Em síntese, a campanha apresenta uma evolução favorável em termos de produtividade, com uma produção média superior à do ano anterior. Contudo, o rendimento industrial encontra-se condicionado pela elevada percentagem de trinca, a que se associam os prejuízos provocados pela fauna selvagem e o agravamento dos custos de produção, fatores que continuam a comprometer a rentabilidade económica da cultura.

Na Península de Setúbal, a colheita teve início em meados de setembro, encontrando-se praticamente concluída durante este mês, embora permaneçam algumas parcelas por colher, prevendo-se a sua conclusão no início de novembro. A qualidade foi média, salientando a elevada quantidade de arroz partido (trincas) e malformado, com reduzido valor comercial, o que se traduz em baixo rendimento industrial, inferior ao habitual. Prevê-se que a produtividade seja semelhante à do ano passado. Relativamente ao preço, perspetiva-se que seja um pouco superior ao da campanha anterior, o que não paga o aumento dos custos de produção que ocorreram nesta campanha.

Grão de Bico

Na Lezíria do Tejo, a colheita ficou concluída em setembro e os resultados da campanha revelaram-se dentro do expectável. A produtividade foi semelhante à do ano anterior e a qualidade verificou-se média.

Feijão

No Oeste, as colheitas de feijão foram concluídas em agosto. Como referido no mês anterior, tratando-se de uma cultura de sequeiro, foi afetada pelas temperaturas elevadas e pela falta de precipitação durante o ciclo vegetativo. A produtividade foi inferior à de um ano médio para a região, estimando-se um valor semelhante ao do ano anterior, que também foi um ano de baixa produtividade. A qualidade da produção foi média e o calibre menor do que o habitual.

No Médio Tejo, o ciclo da cultura encontrava-se finalizado em setembro, sem nada a acrescentar ao referido anteriormente: *"(...) Em termos quantitativos estimava-se uma produtividade semelhante ao ano anterior, contudo inferior à de um ano normal. Tal como referido no mês anterior, a instalação tardia da cultura, associada a um desenvolvimento vegetativo lento devido às elevadas temperaturas, particularmente durante a fase de formação das vagens, comprometeu o seu potencial produtivo. Em algumas áreas, observou-se uma má formação dos grãos e enchimentos incompletos, fatores que contribuíram para um menor rendimento da cultura. A qualidade do feijão considerou-se razoável, com alguns sinais de deterioração."*

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita estava concluída. Estima-se uma produtividade um pouco superior à da campanha precedente, embora ligeiramente menor do que num ano normal. A qualidade foi considerada média.

Tomate para indústria

No Oeste, a colheita terminou na terceira semana de setembro. Como referido no mês anterior, a campanha ficou marcada por circunstâncias negativas que diminuíram o desempenho da cultura e o rendimento económico do produtor. A produtividade média foi mais baixa do que no ano anterior, tendo sido afetada pelas temperaturas extremas no início de julho, que causaram escaldão nos frutos das searas mais adiantadas e abortamento floral nas searas mais tardias. A precipitação no final de agosto provocou o desenvolvimento de podridão, causando perda de produção e diminuição da qualidade. A produtividade das colheitas de setembro diminuiu significativamente face aos valores do mês anterior. O grau *Brix* mais baixo do que no ano anterior foi uma realidade presente em toda a colheita, causando depreciação do valor final pago ao produtor, num contexto de contratualização de preços inferiores aos do ano anterior e de aumento significativo dos custos de produção.

No Médio Tejo, a colheita do tomate para a indústria ficou concluída no final de setembro. Em termos de quantidade, embora a estimativa inicial apontasse para uma produtividade muito superior à do ano anterior, as chuvas de agosto atenuaram esse potencial, originando perdas de produção devido à sobrematuração e ao apodrecimento dos frutos, que ficaram por colher. Verificou-se assim uma produtividade mais baixa face ao expectável, contudo, semelhante comparativamente à campanha precedente. A qualidade da produção foi inicialmente considerada boa, mas foi posteriormente prejudicada pelas chuvas de agosto e pelo período subsequente de temperaturas elevadas, que aceleraram a maturação dos frutos. Esta situação resultou na presença de frutos excessivamente maduros, não colhidos, e em valores de grau *Brix* inferiores ao esperado nos frutos colhidos. A indústria terminou a campanha com excedentes de *stock*, existindo preocupação no setor relativamente à possível redução dos preços na próxima campanha e ao aumento dos custos dos fatores de produção.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as colheitas ficaram terminadas no princípio de outubro. A perspetiva inicial de uma produtividade superior à da campanha anterior, não se veio a confirmar, concluindo-se por uma produtividade média inferior. A menor produtividade média resultou essencialmente das quebras verificadas na produção colhida em setembro. Em termos de qualidade, o menor grau *Brix* marcou toda a campanha. Os restantes parâmeros de qualidade apresentaram-se dentro da normalidade até meados de setembro. A partir desse período, a situação degradou-se e o tomate passou a apresentar menor qualidade. A campanha ficou particularmente marcada pelo baixo preço médio de comercialização, num contexto de aumento contínuo dos custos de produção, sobretudo devido ao agravamento dos preços dos combustíveis. Esta conjuntura, associada à redução da produtividade, comprometeu significativamente a rentabilidade económica da cultura para a maioria dos produtores. Perante este cenário, a sustentabilidade económica da cultura poderá ficar condicionada na próxima campanha, influenciando as decisões dos produtores relativamente à manutenção ou redução das áreas de produção em 2027, caso não se verifique um aumento dos preços praticados pela indústria.

Na Grande Lisboa, a colheita do tomate para indústria ficou concluída no final de setembro, tal como referido no relatório anterior. A presente campanha ficou marcada por uma evolução diferenciada da maturação e da produtividade entre as parcelas, tendo sido particularmente penalizadas as últimas searas colhidas. Nestas, verificou-se uma maior proporção de frutos verdes e alaranjados à colheita, situação associada à senescência precoce das plantas e às condições meteorológicas adversas registadas na fase final do ciclo cultural. Em termos produtivos, os resultados

foram variáveis entre explorações, tendo-se observado situações de diminuição da produção relativamente à campanha anterior, bem como casos de produtividades semelhantes ou ligeiramente superiores. Globalmente, as estimativas disponíveis apontam para uma produtividade ligeiramente superior à registada em 2025. Ao nível da qualidade, os resultados ficaram aquém das expectativas iniciais, destacando-se a redução do teor de sólidos solúveis (grau *Brix*) relativamente à campanha anterior, bem como uma menor intensidade da coloração dos frutos. Estes parâmetros terão sido condicionados pela amplitude térmica e pela sucessão de precipitação em agosto, seguida de temperaturas muito elevadas. Acresce que os baixos teores de potássio identificados em alguns solos, possivelmente relacionados com as perdas de nutrientes por lixiviação durante o período de elevada precipitação no inverno, poderão também ter contribuído para a redução do teor de sólidos solúveis. A identificação tardia desta deficiência limitou a eficácia das medidas corretivas, nomeadamente das aplicações foliares de potássio durante o ciclo vegetativo. No plano fitossanitário, a fase final da campanha foi caracterizada por uma elevada pressão de pragas, com destaque para a *Tuta absoluta*, a mosca branca e os ácaros, que, em conjugação com as condições meteorológicas desfavoráveis, contribuíram para a deterioração da qualidade dos frutos, afetando sobretudo as parcelas de colheita mais tardia. Do ponto de vista económico, mantém-se a preocupação dos produtores com o agravamento dos custos de produção, nomeadamente com combustíveis, energia e produtos fitofarmacêuticos, sem que tenha ocorrido uma valorização proporcional do preço pago pela indústria pela matéria-prima entregue. Esta evolução tem vindo a reduzir as margens de rentabilidade das explorações e a colocar em causa a sustentabilidade económica da cultura, podendo comprometer a sua continuidade nas próximas campanhas, caso não se verifique uma melhoria das condições de valorização da produção. Em síntese, a campanha apresentou uma produtividade global próxima da alcançada na campanha anterior, mas uma qualidade inferior à inicialmente perspetivada, particularmente ao nível do teor de sólidos solúveis e da coloração dos frutos. As condições meteorológicas adversas, a pressão fitossanitária na fase final do ciclo e o agravamento dos custos de produção constituíram os principais fatores condicionantes, com reflexos na rentabilidade da atividade.

Na Península de Setúbal, a colheita e a respetiva receção pela indústria iniciaram-se nos primeiros dias de agosto e terminaram no final de setembro, estimando-se uma produtividade idêntica à da campanha anterior. De salientar que as temperaturas muito elevadas no mês de setembro proporcionaram um crescimento muito rápido dos frutos, mas o desenvolvimento não foi homogéneo. No final da campanha, a qualidade baixou bastante devido à maior incidência de pragas, nomeadamente *Tuta absoluta*, ácaros e mosca branca, provocando mais estragos, bem como podridões. Estes fatores tiveram influência na cor e no grau *Brix* dos frutos colhidos, resultando em valores baixos e inferiores aos da campanha anterior.

Girassol

No Oeste, as colheitas de girassol ficaram terminadas em setembro. A produtividade, que inicialmente se esperava mais elevada do que no ano anterior, com o decorrer das colheitas veio a verificar-se ser ligeiramente menor. A qualidade da produção colhida foi boa, cumprindo os parâmetros definidos para a fabricação de óleo alimentar, para onde foi encaminhada.

No Médio Tejo, as colheitas encontravam-se terminadas no fim de setembro. A produtividade média foi considerada razoável comparativamente a valores padrão. Não é possível estimar a variação da produtividade relativamente ao ano anterior, dado que esta cultura apresentou uma expressão residual na região nas campanhas precedentes. A qualidade dos

grãos colhidos foi muito boa, com parâmetros muito aceitáveis para a extração de óleo alimentar.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita encontrava-se terminada. Em termos gerais foi obtida uma produtividade razoável, um pouco mais elevada do que no ano anterior. O grão colhido apresentava boa qualidade.

Produção de vinho: funcionamento das adegas, quantidade e qualidade do vinho produzido, perspetivas de comercialização

No **Oeste**, de um modo geral, a quantidade de uva rececionada nas adegas, foi superior nesta campanha em comparação com o ano anterior. A qualidade, do ponto de vista fitossanitário, foi semelhante. O ano permitiu maturações completas e em alguns casos até sobrematuração, tendo-se registado valores de álcool provável bastante elevados, superiores aos obtidos na campanha anterior, e com acidez total baixa. O balanço da vindima foi de um ano com bastante qualidade, sem ser um ano excelente.

Quanto à produção de vinho, nas adegas decorriam as fermentações maloláticas, principalmente dos tintos. Realizaram-se trasfegas para separação do vinho limpo dos sedimentos ou borra, filtrações e preparação de lotes dos vinhos brancos e rosés. A previsão é de um ano com vinhos de qualidade média/alta. Os brancos apresentavam acidez regular, semelhante a 2025, mas com mais grau. Os tintos apresentavam-se muito superiores a 2025 e possivelmente superiores a 2024. Seguramente apresentavam mais cor. Prevê-se mais produção de vinho do que no ano anterior em resultado do acréscimo de uva rececionada nas adegas. Não sendo ainda possível estabelecer a variação percentual, estima-se um rendimento em litros semelhante ao ano anterior. Quanto a perspetivas de comercialização, o mercado continua retraído, em termos de volume e de valor, crise que é mundial com a diminuição do consumo e a instabilidade financeira criada pelos vários conflitos internacionais. No entanto, nas adegas da região espera-se, no segmento das vendas a granel, uma boa procura nos tintos devido à elevada qualidade, enquanto nos brancos prevê-se que a procura vá depender do mercado e dos *stocks* do ano anterior. Para os engarrafados perspetiva-se que a procura siga uma tendência semelhante.

No **Médio Tejo**, o funcionamento das adegas decorria com muita normalidade e com uma laboração regular. Decorriam processos de centrifugação dos tintos e trasfega dos brancos. A qualidade dos vinhos é bastante satisfatória, sobretudo nas castas brancas e nas tintas que foram vindimadas até ao início de setembro. Estima-se uma produção de vinho superior à do ano anterior. A comercialização tem sido desafiante, com alguns produtores a entrar em novos mercados e aumentar o peso no Brasil, que se tem tornado um mercado muito importante.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, verificou-se um rendimento médio da uva de cerca de 80%. Nas adegas decorriam os seguintes processos: centrifugação de vinhos tintos; trasfega de vinhos brancos; aplicação de sulfuroso; preparação dos primeiros lotes de saída para o mercado. O vinho produzido apresentava boa qualidade. De um modo geral estima-se uma quantidade de vinho superior ao ano anterior. As perspetivas de comercialização são muito moderadas, face à conjuntura atual dos mercados que suscitam alguma apreensão e prudência.

Na **Grande Lisboa**, no que respeita à laboração nas adegas, no final de outubro os vinhos brancos encontravam-se, em algumas unidades, na fase de

fermentação alcoólica, enquanto noutras já tinha sido atingida a primeira trasfega. Os rendimentos de vinificação situaram-se entre 65% e 72% nos vinhos brancos e 71% a 77% nos tintos, existindo adegas com valores globais entre 77% e 81%, incluindo borras. O teor alcoólico médio situou-se em torno dos 12% nos brancos e dos 12,5% nos tintos. Quanto à produção de vinho contabilizada no final do mês, as estimativas de variação relativamente à campanha anterior apontam para acréscimos de produção. Em termos organoléticos, os vinhos brancos evidenciam boa preservação da acidez e frescura, acompanhadas de um desenvolvimento favorável dos aromas. Nos tintos, destacaram-se a intensidade e qualidade da cor, a maturação dos compostos fenólicos e o bom desenvolvimento aromático, perspetivando-se vinhos de boa qualidade. Relativamente à comercialização, as perspetivas são consideradas razoáveis, apesar da retração do mercado. O segmento dos vinhos brancos suscita maior prudência quanto às perspetivas de consumo, comparativamente ao dos tintos. Em síntese, na presente campanha vitivinícola perspetiva-se um aumento global da produtividade, uma qualidade sanitária e enológica muito favorável das uvas e condições adequadas ao desenvolvimento da maturação. O início da laboração nas adegas decorreu sem constrangimentos relevantes, evidenciando os vinhos, nesta fase, características qualitativas promissoras, embora as perspetivas de comercialização permaneçam condicionadas pela evolução da procura, sobretudo no segmento dos vinhos brancos.

Na **Península de Setúbal**, em geral, a produção de uva foi superior à da campanha anterior, estimando-se uma produção de vinho também superior. A qualidade das uvas foi em geral, muito boa a excelente, especialmente nas castas brancas, sendo considerado um bom ano vitivinícola. Registaram-se teores alcoólicos elevados, por vezes acima do desejável. A acidez foi equilibrada, embora em algumas situações ligeiramente baixa.

Os trabalhos de adega, nomeadamente na planificação de entradas de uva e fermentações decorreram na maior parte dos casos conforme o planeado. Nos vinhos é esperada uma situação favorável, com uma excelente qualidade, especialmente nos brancos. Nos tintos, apesar da ocorrência de alguma podridão nas uvas, a qualidade foi boa, com boa cor e teores alcoólicos elevados. Assim, é expectável um aumento significativo na qualidade dos vinhos brancos e dos tintos relativamente à campanha anterior. Relativamente às perspetivas de comercialização, a conjuntura de consumo de vinho, a nível nacional e mundial, apresenta-se difícil desde 2023, não se vislumbrando sinais de desanuviamento, antes pelo contrário. No entanto, a região construiu uma sólida reputação no mercado nacional e em vários mercados de exportação, em que se destacam o Brasil, o Canadá, os EUA e o Reino Unido (países terceiros), bem como a Alemanha, os Países Baixos e a Polónia, na União Europeia. No que se refere ao escoamento da produção, não foram acumulados *stocks* excessivos nestes últimos três anos, mas a questão da rentabilidade da cultura não deixa de ser preocupante e reflete-se em toda a fileira, com particular importância nos viticultores. Não se prevê um aumento do preço da uva para vinho pago ao produtor face à campanha anterior, podendo mesmo registar-se uma redução, com consequente diminuição das margens, considerando o aumento dos custos de produção nesta campanha. A rentabilidade da produção constitui, assim, um desafio, num mercado cada vez mais competitivo, que exige ao viticultor maior modernização, capacidade de investimento e eficiência produtiva.

9 de novembro de 2026

DADOS METEOROLÓGICOS

	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Valdonas	Alvega
Temperatura máxima (ºC)	30,9	25,8 a)	31,9	30,9	32,3	34,5	34,9	35,0	34,4 l)	35,0
Dia	3	5 a)	15	14	14	14	14	14	14	14
Valor médio da temperatura máxima (ºC)	24,9	20,1 a)	25,4	25,3	26,5	27,8	27,1	27,7	27,5 l)	28,5
Temperatura máxima normal para a época (ºC)	22,9	–	22,5	22,8	23,8	24,2	23,9	24,5	–	24,6
Temperatura mínima (ºC)	2,6	3,9	4,9 b)	11,6 d)	6,9	3,7 g)	8,0 i)	1,9	4,3 l)	1,1
Dia	24	22	22 b)	24	22	22	24 i)	22	22	24
Valor médio da temperatura mínima (ºC)	9,6	9,6	11,4 b)	16,0	12,6	g)	13,2 i)	9,5	11,9 l)	8,9
Temperatura mínima normal para a época (ºC)	10,5	–	12,2	15,3	12,5	12,3	13,1	10,9	–	10,1
Temperatura média normal para a época (ºC)	16,7	–	17,3	19,1	18,1	18,2	18,5	17,7	–	17,3
Horas de frio	70	34	12	0	1	21	0	61	–	80
Rajada máxima de vento (Km/h)	42,8	45 a)	47,2 c)	46,8 e)	37,8	h)	39,6 j)	77,8	41,8	40,7
Dia	21	1 a)	23 c)	18	24	h)	18 j)	3	1	18
Número de dias com precipitação	3	8 a)	3 c)	1	3	h)	2 j)	6	5	2
Precipitação acumulada no mês (mm)	3,4	3,5 a)	2,3 c)	0,1 f)	1,1	h)	0,3 j)	10,4	15,8	1,4
Precipitação normal para a época (mm)	102,5	–	90,8	110,6	99,2	86,9	89,5	88,9	–	98,8
Precipitação diária máxima no mês (mm)	2,0	2,0 a)	2,0 c)	0,1	0,6	h)	0,2 j)	9,7	12,5	1,3
Dia	21	21 a)	4 c)	23	3	h)	6 j)	3	3	3
Humidade relativa média mínima (%)	25	29 a)	25 c)	30 e)	23	h)	17 j)	17	22	16
Humidade relativa diária máxima (%)	96	100 a)	99 c)	100 e)	100	100	98 j)	100	99	100

Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

a) Falha de dados no dia 26.

b) Falha de dados no dia 27.

c) Falha de dados nos dias 26 e 27.

d) Falha de dados no dia 27.

e) Falha de dados nos dias 26 e 27.

f) Falha de dados nos dias 26, 27 e 28.

g) Falha de dados no dia 27.

h) Falha de dados nos dias 26 e 27.

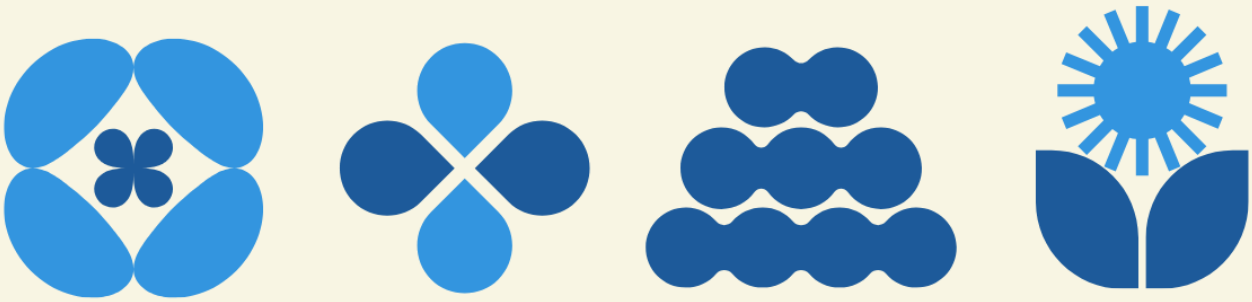
i) Falha de dados no dia 27.

j) Falha de dados nos dias 26 e 27.

l) Falha de dados nos dias 24 a 31.

— Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2ºC acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, Nº37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT